

# Cultura!



## ‘Reflexões’

Visões de vida e mundo do professor Tardeli  
Pág. C2

## ‘Odisséia paulistana’

Ritmo frenético em São Paulo, a Dublin de Laís Midori  
Pág. C3

## ‘Leva Jato’

Uma partida de futebol muito importante  
Pág. C3

## BENNY GOODMAN, O REI DO SWING

O gênio, aquele para quem música é símbolo de elegância e doçura. O clarinete de Benny Goodman foi a fonte de uma música vibrante, melódica, tocante, sensível.  
Pág. C4



**Crônicas**

“Filho, nunca se relacione com alguém que faria você sentir vergonha de trazer aqui em casa e apresentar para sua família. Não sei por que, mas esta frase nunca saiu da minha cabeça e me marcou profundamente.”

# SÓ MAIS UMA REFLEXÃO

**RODRIGO MARTINIANO TARDELI**

**M**eu falecido avô materno era uma pessoa difícil. Para os outros, não para mim. Ele não implicava comigo, não me aborrecia e sempre me tratava com muito amor e muito carinho. Era nítida a sua felicidade quando eu voltava para Muzambinho em visita, depois de ter me mudado de lá há pouco mais de vinte anos.

Lembro-me de uma conversa, ocorrida exatamente há 27 anos, em que ele me deu um conselho (não era dado a me dar conselhos): “Filho, nunca se relacione com alguém que faria você sentir vergonha de trazer aqui em casa e apresentar para sua família”. Não sei por que, mas esta frase nunca saiu da minha cabeça e me marcou profundamente. Vovô não estava se referindo à aparência, claro, pois conhecia o neto e sabia que ele saberia fazer tal julgamento. Estava se referindo a comportamento, valores, hombridade, honra, ética, coisas que resumidamente, para ele, corresponderiam ao “sobrenome”.

Numa outra vez, recordo-me de sua risada, que às vezes chegava às lágrimas, ao dizer: “Coitado, este daí não tem sequer sobrenome!”. Para ele, era um pecado capital. Hoje em dia, talvez, os valores do meu avô nem sejam mais considerados, mas não sou assim. Aprendi a valorizar minha linhagem, com cada uma de suas peculiaridades, a render respeito aos meus antepassados, a conhecer sua história, a conhecer a nobreza e a contribuição de cada uma das minhas muitas e muitas gerações ancestrais. E pensar que a maioria das pessoas sequer sabe o nome dos avós. Sinto falta do meu avô. Queria contar a ele como errei nesta vida ao não dar ouvidos ao seu conselho de outrora. Como conheci a baixeza e a indignidade de pessoas “sem sobrenome”. E agradecer, pois, com este recorte, posso sempre me aprimorar e crescer na maturidade.

\*\*\*

**Comentário acerca do Carnaval.** “O Carnaval é hoje a festa mais estúpida do Brasil. Nunca se amontoaram tantos fatos para fazê-la assim. Nem no tempo do entrudo, ela podia ser tão idiota como é hoje. O que se canta e o que se faz são o suprassumo da mais profunda miséria mental. ‘Blocos’, ‘ranchos’, grupos, cordões disputam-se em indigência intelectual e entram na folia sem nenhum frescor musical. São guinchos de símios e coaxar de rãs, acompanhados de uma barulheira de instrumentos chineses e africanos.” Lima Barreto, 1922

\*\*\*

**Anatomia.** Por alguma razão, ele parece querer constantemente confirmar um julgamento de sua própria incapacidade

ou fracasso. É como se ele estivesse em busca de uma maneira de poder dizer a si mesmo: “Percebes como és fraco, inútil e incorrigível?”. Qualquer pequeno deslize — sempre existirá — torna-se motivo para iniciar um novo julgamento, o que lhe causa uma tristeza e uma autodecepção que o conduzem, inevitavelmente, a novos deslizes, com novos julgamentos, numa espiral cada vez mais descendente. É uma sequência de confirmações de um julgamento prévio já estabelecido e, de certa forma, já consolidado.

No seu diálogo interior, parece acontecer algo como:

— Ah, perdi a hora...

— Mas você é um imbecil mesmo! Vai estragar o resto do dia agora. Melhor você nem levantar dessa cama, porque, com toda a certeza, vai continuar errando e estragando o dia inteiro.

— Será? Não, acho que dá para consertar. Eu corro e resolvo tudo.

— Vai resolver o quê? Agora vai ficar aí sentado feito um idiota? Já devia ter levantado, tomado banho e estar pronto... Não, fica aí filosofando. Seu inútil.

— Bom, eu tenho que ir de qualquer forma... Já nem estou com vontade. Provavelmente você deve ter razão e não vou conseguir resolver isso. Eu devia ter acordado mais cedo... Queria tanto que desse pra começar o dia de novo...

— Se vai, vai logo, seu imbecil! Olha o tempo que você está perdendo com essa conversa mole. Já começou com essas lamúrias logo cedo? “Ai, coitadinho de mim... Queria poder começar de novo...” Começar de novo para fazer a mesma coisa não adianta nada! Vai logo! Vou ficar só esperando a quantidade de bobagens que você vai sair fazendo por aí.

E daí, em contínuo, essa voz fica apontando cada deslize, cada falha, cada equívoco, só para mostrar como ele não faz absolutamente nada certo. Cada pequeno equívoco é apontado e esfregado em sua cara, causando mais angústia e insegurança e, talvez, conduzindo a outros equívocos, que são também apontados como se fossem gigantescos. É uma crescente e eterna desestabilização emocional, criada por ele mesmo. A partir dessa desestabilização emocional, ele passa a fraquejar em certas situações, o que só confirma para o julgador aquela ideia que ele já apresentou: “Seu fraco! Inútil! Imprestável!”

A questão é que este julgamento, apesar de feito por ele mesmo, não é originariamente dele. É um julgamento de que ele acha que é — ou deveria ser, ou já foi — objeto, e de que alguma forma não clara faz sentido para ele. Há a projeção de um julgamento externo para seu próprio julgamento. Ele aceita esse julgamento e acha que merece ser objeto dele, nesses termos.

Eis o que ele precisa encontrar: a origem desse julgamento excessivamente duro para si mesmo. Quem o está julgando, e sob que leis? Qual o crime, ou quais os antecedentes criminais que pesam sobre ele para que esse julgamento deva ser tão rigoroso? Por que razão ele acha que merece ser julgado com tal rigor? O que ele



fez, pensou ou é (e aos olhos de quem) para que o martelo da justiça deva acertar sempre no meio a sua testa?

Ele ainda tem nobreza. Tem sangue e não água.

\*\*\*

**Fraternidade.** Já fui jovem e cheguei a acreditar nos laços da fraternidade universal, sem compreender que a mesma corrente que reúne vontades pode se transformar em uma atadura sinistra quando aquele que tensiona a corda transfere con-

tra alguém o seu inconcebível poder de desagregação.

Hoje eu sei.

Dentro da dor existe uma sensação cega de ofensa, uma corrente de hostilidade contra o mundo que dificilmente se pode conter.

Hoje eu sei.

\*

**RODRIGO MARTINIANO TARDELI** É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NAS ÁREAS DE DIREITO CIVIL E HISTÓRIA DO DIREITO PELA UNINOVE

**Literato.**  
O Professor  
Rodrigo  
Martiniano  
Tardeli

## Palavra



“Esquerda, s.f. — Por não entender o capitalismo, acha que ele é culpado de tudo. Direita, s.f. — Ver esquerda.”

**DANIEL PIZA**

NASCIDO EM SÃO PAULO (SP), EM 1970, O JORNALISTA E AUTOR DE “MACHADO DE ASSIS - UM GÊNIO BRASILEIRO”, “AFORISMOS SEM JUÍZO” E “DEZ ANOS QUE ENCOLHERAM O MUNDO”, DENTRE OUTROS, MORREU EM GONÇALVES (MG), EM 2011.



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

**EXPEDIENTE**  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Crônica

“Nada melhor do que o exílio para despertar velhas sensações. Nada melhor do que enfrentar a Selva (de Pedras) para retomar o desejo pela calmaria. São Paulo. Minha Dublin. Parti.”

# ‘ODISSEIA’ PAULISTANA NUM FEVEREIRO DE CARNAVAL

LAÍS MIDORI DA SILVA

**I**taca estava irreconhecível após os anos de distanciamento. Era preciso reencontrá-la dentro de mim. Comprei um bilhete. O último disponível. Nada melhor do que o exílio para despertar velhas sensações. Nada melhor do que enfrentar a Selva (de Pedras) para retomar o desejo pela calmaria. São Paulo. Minha Dublin. Parti. Na chegada, ritmo frenético. Lanço de escadas. Passos acelerados. É feriado. Sábado. Carnaval. Guichês ainda fechados. Ainda assim, ritmo frenético. Nada para por aqui. Abortei a ideia do café. Fui abruptamente interrompida. Rumo ao novo destino: transporte público. Aceleração. Escadaria. Deixe a esquerda livre. Penso: não gosto da direita (nem na escadaria). Radicalismo. Catraca. Contragosto. Volta! Rápido. Luzes. Campanha. Rápido. A porta. Fechada. Linha vermelha. Rápido. Partimos. Linha azul. Rápido. Desembarque pelo lado Esquerdo. Trólebus. Ônibus. Chegamos. Malas desfeitas. Finalmente! Café. Pão. Conversa. Não há tempo a perder. Há muito o que ver. Novamente. Catraca. Metrô. Luzes. Campanha. Escadaria. Rápido. Jabaquara. Paraíso. Linha verde. Estação Brigadeiro. Rápido. Avenida Paulista. Cartão-Postal. São Paulo fica mais bonita vista daqui. Fluxo. Contrastes. Nem parece a mesma cidade que abriga tanta favela. Centro: Sala de estar. Periferia: *Quarto de despejo*. Já dizia Carolina Maria de Jesus. Acorda! Rápido! Não há tempo para pensar. É preciso caminhar. Rápido. Rápido. Rápido. Casa das Rosas. Jardim. Exposi-

ção. *Estrutura explodida*. Obras do poeta Haroldo de Campos. Ah, a poesia concreta! Casarão. Quadros. Poemas. Banheiro Rosa. Um sonho! Pergunto sobre o acervo. É secreto. Segredo. Ansiedade. Terei que esperar até amanhã. Quero aproveitar ao máximo o roteiro cultural que fiz para o carnaval. Rápido. Ainda há muito o que ver. Itaú Cultural. Exposição. Brasil. Homenageada: Laura Cardoso. Merecido! Trata-se de uma grande atriz. Belas fotos. O Âmbar na iluminação ajuda na criação de um clima retrô. Textos anotados sobre a mesa. Eu fazia igual nos meus textos. Saudades do teatro. Malandrinhos Cênicos. Grupo vozes. Mostra estudantil. Lembrei até da Juvercina. Ela foi minha boneca na primeira peça em que atuei. Eu era a Dora. Volta! Foco. Rápido. Pausa para o Almoço. Shopping. McDonald’s. Clichê. Rápido. Última visita. MASP. De novo: clichê. Bilhetes. Uma fortuna! Ainda bem que valeu a pena. Sempre vale. *CULTURA* é investimento. O Plus. O *EXTRA*. Van Gogh. Cândido Portinari. Clássicos. *Os retirantes*. Reflito. Penso logo no João Cabral. Raquel de Queiroz. Graciliano. Quantas vidas Severinas. *Vidas secas*. Lembrei da Baleia. Minha cachorra ficou em casa. Saudades. Ela sempre se alegra quando eu chego. Volta! Foco. Rápido. Há muito o que ver. Final de tarde. Hora de voltar. Rápido. Linha verde. Linha azul. Rápido. Jabaquara. Trólebus. Ônibus. Rápido. Desembarque pelo lado direito. Mantenha a esquerda livre. Anotece. Final do dia um. O primeiro da odisseia paulistana num fevereiro de carnaval.

**Rápido. Ainda há muito o que ver. Exposição. Brasil. Homenageada: Laura Cardoso. Merecido! Trata-se de uma grande atriz**

**\* LAÍS MIDORI DA SILVA** É PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA E DOUTORANDA EM LETRAS PELA UNESP



Crônica

# LEVA JATO

ISABELA ZARDA

**O** que brasileiro mais gosta de discutir é futebol, pelo estado bom em que se encontra e política, pelo estado decaído que caminha. Sem tempo para perder tempo, o jogo é acirrado e todos acompanham vidrados todas as jogadas, seja da defesa ou da acusação. De um lado, um time que se apresenta completo e com poucos substitutos, porque tanto o ataque quanto a zaga estão completamente bem treinados. Pretendem colocar na parede o treinador do time adversário, Inácio. Mas este também vem preparado, com uma lateral foguete, que não perde uma. Inácio também tem um arqueiro que está sempre de pé, esperando os lances tentados do outro time, com abreviação MPF. Mas bem de longe, o arqueiro percebe o melhor dos atacantes do time contrário, vindo em sua direção, dando chapéu na defesa e, quando menos esperou, a bola atingiu o ângulo. O gol foi tão lindo que deram o nome da jogada de “propina”, “propina por trás”.

O time de Inácio já estava abalado, mesmo assim mantinha a esperança de virar essa partida. Dizendo que aquilo fora simplesmente parcial. E continuou o jogo. Em menos de alguns minutos a torcida que já gritava, em delírios, se surpreendeu com mais um gol do MPF, uma jogada indefensável, a goleada foi de cabeça, foi a famosa “cobertura”. Já sem chances de virada, Inácio enfrentou aquilo como um equívoco e manteve-se firme com seu time, levando a maior parte dos seus jogadores para o ataque, pois aquilo pedia uma revanche. Não deu certo. Levaram um gol de bicicleta, de um jogador do MPF que já estava na banheira no campo adversário. A galera foi ao delírio com esse jogo, que partida, que jogadas! Inácio saiu de lá reclamando, acusando todos de impedimento, mas o juiz, rígido, bateu o martelo decretando três a zero. Algo que realmente ficará para a história e poderá se repetir doze anos depois, porque o time de Inácio foi rebaixado para a Série C. Vai esperar sentado no vestiário de grades, lugar difícil de sair.

**\* ISABELA ZARDA**, CURSANDO O SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TV TEM 2016



## Capa

“A música de Benny Goodman tocou-me há muito tempo. Graças à tecnologia dos CDs, pude desfrutar mais de sua criação. O termo jazz está muito amplo. Hoje abarca vários matizes e cores.”

# O TOCADOR DE CLARINETE



## ZÉRENATO

**O** músico de jazz. O gênio. Aquele para o qual música é símbolo de elegância e doçura. Todos aqueles que já assistiram — e todos já assistiram — a um musical de Hollywood foram tocados por uma música vibrante, melódica, tocante, sensível e, acima de tudo, doce, já foram tocados pela “Voz de Deus”, ou melhor, pelo clarinete de Benny Goodman.

Esse filho de um alfaiate judeu-polonês e uma lituana começou a estudar música na sinagoga. Por caridade. Aos doze anos começou a estudar clarinete.

O objetivo do menino Benjamin era: sair da pobreza. Ganhar algum dinheiro, com o qual pudesse deixar o emprego na fábrica de banha.

Benjamin cresceu nos anos 1920 — período da “Grande Depressão” e do domínio dos gângsteres —; criança, ingressou na banda da sinagoga. Jovem, começou a fazer parte das orquestras de Glenn Miller, Tommy Dorsey, Artie Shaw, Harry James e Gene Krupa, apenas.

No final dos anos 1930, apresentou-se no Carnegie Hall, como o primeiro branco a liderar uma big band com músicos negros. Sim, apesar de Goodman ser branco, não parece. Seu swing é de um negro. Não gratuito foi nominado “Rei do Swing”.

A leveza de suas composições, temperadas com o swing, calcadas na elegância, na delicadeza e na sensualidade, remetem o

apaixonado por jazz ao genial Duke Ellington.

Apesar de sua origem branco-judaica, Benny Goodman sempre foi reverente e respeitoso à sua origem negra, a música de matriz afro: o blues e o jazz. Um dos primeiros

brancos a reconhecer a grandeza e a genialidade de Besie Smith.

Goodman apresentou-se e encantou o mundo com sua Big Band. Seu toque singular no clarinete criou-lhe

rusgas com outro grande músico do mesmo instrumento: Artie Shaw. Maldosamente, costumava dizer: “Benny Goodman toca clarinete. Eu sou músico.”

Problemas de ego. São dois gigantes no jazz.

A música de Benny Goodman tocou-me há muito tempo. Mais de quarenta anos.

Graças à tecnologia dos CDs, pude desfrutar mais de sua criação.

O termo jazz está muito amplo. Hoje abarca vários matizes e cores.

Ao meu ver: alguns belos, outros nem tanto, alguns chatos.

Impingiram ao jazz um fardo de englobar várias coisas dentro de si. Em nome de uma “modernidade” — “Não concebo bem o quê de moderno”, diria o genial e amado Fernando Pessoa — e uma “inovação”, as quais tendem a satanizar aqueles que amam o jazz tradicional.

É meu caso. Fico com os gigantes desse ritmo. Benny é um deles.

No centenário de primeira gravação de um disco de jazz, ouçam e amem o doce, sensual, melódico e divino clarinete de Goodman e sua “Big Band”.  
Faz bem para a saúde!

**A leveza de suas composições, calcadas na elegância, na delicadeza e na sensualidade, remetem ao genial Duke Ellington**